





Activity Theory as a tool for analysing university hazing

Teoria da Atividade como ferramenta para analisar o trote universitário

AGUIAR, Carina Correia de ⁽¹⁾; FERMÉ, Eduardo ⁽²⁾

⁽¹⁾  0000-0002-1593-9681; Universidade da Madeira. Funchal, Portugal. carinapcaguiar@hotmail.com.

⁽²⁾  0000-0002-9618-2421; Universidade da Madeira e NOVA-LINCS. Funchal, Portugal. ferme@uma.pt.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The university hazing is a practice used as a way of initiating new students into the universities. Since its origins, this practice has been the subject of controversy, motivated by the occurrence of violent episodes during the hazing, sometimes with tragic consequences for the students. In the literature, numerous studies analyse this phenomenon. In this paper we propose the use of Activity Theory (AT) as a tool to analyse the university hazing. We will identify throughout the text the different components of this practice, associating them with the concepts that make up an analysis in AT.

RESUMO

O trote universitário (ou praxe académica em Portugal) é uma prática universitária para marcar o ingresso dos novos estudantes nas universidades. Esta prática tem sido, desde as suas origens, alvo de polémicas motivado por o acontecimento de episódios violentos durante os trotes com consequências muitas vezes trágicas. Na literatura, numerosos estudos analisam este fenómeno. Neste artigo propomos a utilização da Teoria da Atividade (TA) como ferramenta para a análise desta prática. Identificaremos ao longo do texto os diferentes componentes da prática do trote, associando-os aos conceitos que compõem uma análise em TA.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 03/10/2022

Aprovado: 28/12/2022

Publicação: 10/01/2023



Keywords:

University hazing,
Analysis of Communities,
Activity Theory

Palavras-Chave:

Trote Universitário,
Análise de Comunidades,
Teoria da Atividade.

Introdução

O trote universitário (ou praxe acadêmica em Portugal) é uma prática universitária para marcar o ingresso dos novos estudantes nas universidades. Esta prática tem sido, desde as suas origens, alvo de polémicas motivado por o acontecimento de episódios violentos durante os trotes com consequências muitas vezes trágicas. Ao longo dos anos, a prática do trote tem sido profundamente analisada (Almeida Jr., 2007, 2015; Almeida Jr. & Queda, 2006; Zuin, 2011).

A teoria da atividade sustenta que a mente humana é o produto de nossa interação com pessoas e artefactos no contexto da atividade cotidiana (Kaptelinin & Nardi, 2006). Esta estrutura conceitual foi originalmente desenvolvida por Leontiev (1978, 1991), Vigotsky (1995, 2001), e Vigotsky e Cole (1978) e o conceito fundacional é "atividade", que é entendida como interação proposital, transformadora e desenvolvedora entre atores (sujeitos), e o mundo (objetos). Uma nova geração da teoria da atividade foi proposta por Engeström (2000, 2010, 2015) constituindo-se hoje numa área de pesquisa multidisciplinar. A teoria fornece uma série de construções, concentrando-se nas atividades como a unidade de análise. Estas atividades são orientadas por um objetivo e fruto da interação de um sujeito com um objeto através do uso de ferramentas mediadoras (Appiah & Cronjé, 2013).

A fundamentação teórica para a análise da TA centra-se nos escritos de Vygotsky, Leontiev e Engeström, constitui-se como uma intervenção, na qual há planeamento e implementação de interferências (mudanças, inovações) destinadas a produzir avanços nos processos de aprendizagem, a fim de poder ter oportunidade de refletir sobre a prática.

A sugestão é que a partir da análise dos elementos que compõem um Sistema de Atividade (o objeto, o sujeito, artefactos mediadores, ferramentas e signos, regras, divisão de trabalho e comunidade), seja possível propor uma intervenção baseada na Teoria da Aprendizagem Expansiva visando à apreensão de novos processos de formação e de identidade.

O presente trabalho visa analisar o Trote á luz da Teoria da Atividade (TA) de modo a compreender os conflitos e formas de organização do ensino para promover uma nova aprendizagem (a aprendizagem expansiva).

Através da aprendizagem expansiva ligada às condições históricas sugerimos uma mudança da atividade do trote universitário. A base para relacionar as componentes do trote com TA está baseada na análise do trote realizada por Almeida Jr. (2007).

O objetivo do presente artigo não será analisar um caso de trote em particular, por isso não será descrita uma metodologia de extração de dados e informação.

A nossa proposta deve ser necessariamente acompanhada de uma abordagem metodológica extra para os casos de estudo. A análise pode ser complementada, por exemplo, com a Teoria da Aprendizagem Situada de Lave e Wenger (1991), Wenger (1998), Wenger, McDermott e Snyder (2002). A abordagem de estudos de episódios de trote ou praxe, podem adicionalmente adotar uma abordagem metodológica de índole qualitativa e de natureza

interpretativa sendo a unidade de análise “(...) a atividade das pessoas atuando em contexto” (Lave, 1988, p.117).

A Teoria da Atividade

A Teoria da Atividade surgiu nas décadas de 1920-1930 fundada por um grupo de psicólogos russos. Aparece como resposta a procurar perceber as atividades humanas como fenômenos sociais situados; isto é, considerando o desenvolvimento do indivíduo como uma construção cultural a través da interação com outros indivíduos num determinado contexto histórico-cultural. Tem as suas raízes no conceito de atividade do Marx (1867/2002)

No início da TA pode ser vista como uma nova maneira de entender a psicologia que prevalecia nos anos vinte, uma psicologia estritamente descritiva e individual, num contexto científico voltado para o pragmatismo, a técnica e o rigor, a partir da busca de novas formas de compreender a relação entre o homem e o social e de como o social participa na construção do ser humano.

Historicamente, são reconhecidas três gerações da TA, que detalhamos a seguir.

A primeira geração

Vygotsky foi o grande fundador da escola soviética de psicologia histórico-cultural. Ele percebeu que era necessária uma construção que mostrasse como parte do comportamento humano é diferente ao comportamento animal e a sua ligação. A psicologia "natural", ligada ao instinto animal, mostra as reações do indivíduo diretamente sobre o ambiente, enquanto a psicologia "mental", mais subjetiva, requer de elementos mediadores.

A psique, o pensamento ou a consciência humana constitui-se na interação com o mundo das pessoas e dos objetos. Vygotsky introduz o conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. O seu grupo de pesquisa lançou as bases de uma nova psicologia que resgataria o conceito de consciência, explicando o comportamento humano a partir das relações sociais e ainda buscando soluções para os problemas que o novo estado enfrentava, como o analfabetismo.

Para Vygotsky, os seres humanos não se relacionam diretamente com o mundo, mas sim de uma forma mediada. O meio físico é também um meio cultural, organizado por ferramentas e signos. A criança ao nascer, no seio da cultura é inserida num mundo que não é natural, mas sim modificado pela ação do homem.

Vygotsky propõe que o ser humano atua na realidade para se adaptar a ela, e a transforma e se transforma a si próprio a través da mediação. Para compreender o conceito de mediação, Vygotsky (1995) sustenta que a atividade é mediada por signos e ferramentas, instrumentos psicológicos e físicos. Os signos e ferramentas, são instrumentos mediadores que ampliam a ação humana, embora ajam em diferentes direções. A ferramenta está dirigida para fora, provocando mudanças no objeto, no meio, na natureza, mas atendendo que, na atividade

de transformar o meio, o homem também se transforma. Já o signo está direcionado para dentro, para as operações psicológicas, influenciando o próprio comportamento e a atividade interior. Os signos também são usados para agir sobre a conduta do outro. De todos os signos, a linguagem é o sistema de signos mais importante e determinante no desenvolvimento cultural do sujeito. A linguagem possibilita ao sujeito tomar consciência de si próprio e exercitar o controle voluntário das ações.

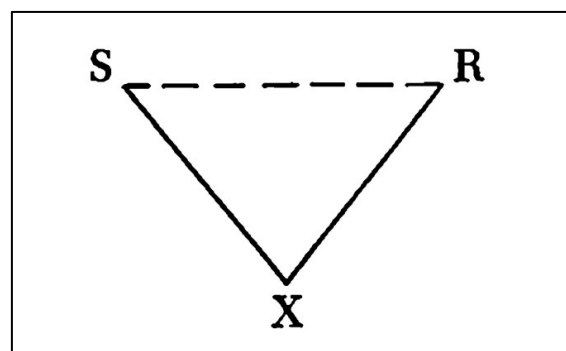
Vygotsky considerava a o significado da palavra como a unidade das esferas da linguagem e do pensamento, uma vez que nelas estão as funções de comunicação e de generalização.

No desenvolvimento do homem, o pensamento e a linguagem têm origens distintas, que se cruzam e sobrepõem, dando origem ao pensamento verbal. Analisando o significado das palavras, Vygotsky estabelece que as relações entre pensamento e linguagem vão-se transformando e o significado vai-se desenvolvendo durante a vida do sujeito. Além do significado, a linguagem também é estudada quanto ao sentido. O significado refere-se às generalizações feitas pela cultura, as convenções que possibilitam a comunicação, ao compartilhar as palavras e transmiti-las de geração em geração. O sentido refere-se à implicação pessoal da palavra, está ligado às experiências específicas de cada sujeito, em diferentes situações. A partir da linguagem e das ferramentas, a conduta humana é definida como mediada, sendo esse aspeto o que nos caracteriza como humanos.

A conduta humana, considerando o indivíduo inserido na cultura, é mediada: o pensamento é mediado pela linguagem e as ações são mediadas por instrumentos.

Figura 1

Esquema de ação mediada. S: estímulo, R: resposta, X: instrumento mediador



Fonte: Vygotsky (1978, p.40.)

Vygotsky centrou-se na análise da mediação por signos. O instrumento mediador (X) entre o estímulo (S) e a resposta (R) pode ser uma ferramenta material ou um signo (ferramenta psicológica). Ele chamou esse instrumento mediador de estímulo auxiliar.

Vygotsky postula que ao introduzir os signos enquanto estímulos artificiais, o homem confere significado a sua conduta e cria novas conexões em seu pensamento. Os signos

ampliam as capacidades humanas, pois possibilitam que o ser se distancie do mundo real, e crie um sistema que o capacita a refletir sobre seu próprio mundo e o seu próprio pensamento. Os signos ainda permitem que o homem opere mentalmente sobre o mundo, nas ações mentais (como no uso da linguagem) o homem opera com as coisas na ausência delas. Ao duplicar a realidade, pode relatá-la e transferi-la a outros, bem como assimilar a das gerações anteriores.

A segunda geração:

O conceito de Atividade, que aparece nos textos de Vygotsky, ganha centralidade com o trabalho do psicólogo soviético Leontiev (1978). A sua pesquisa tornou-se próxima do trabalho de Vygotsky, quando na segunda metade da década de 1920, em conjunto com Lúria, desenvolveu uma teoria da origem sócio histórica das funções psíquicas superiores às funções especificamente humanas em resposta ao behaviorismo, com foco no mecanismo estímulo-resposta como explicação do comportamento humano.

A Atividade aparece como alvo de estudo e como princípio explicativo. A análise da atividade constitui o ponto decisivo e o método principal de conhecimento científico do reflexo psíquico, da consciência. A investigação da estrutura da atividade permite compreender as transformações da estrutura da consciência. A consciência, ou o reflexo psíquico, não é pré-concebida, mas resulta das relações do sujeito com a realidade material que o cerca e da atividade do sujeito nesse cenário.

Leontiev considerou incompleto o triângulo apresentado por Vygotsky. Para ele, o motivo intrínseco da ação não era considerado. Segundo Engeström (2015), é possível existir “atividade de um indivíduo”, mas não “atividade individual”, pois a atividade é coletiva enquanto a operação e a ação são individuais.

Leontiev distinguiu a atividade da ação e da operação para representar os elementos sociais/coletivos em um sistema de atividade e enfatiza a importância de analisar suas interações (ver Figura 2).

Figura 2

Estrutura hierárquica de uma atividade

| Nível | Orientação | Realizado por |
|--------------|-------------------------|-------------------------------|
| Atividade | Motivo | Comunidade |
| ↑↓ | ↑↓ | |
| Ação | Metas | Indivíduo ou grupo |
| ↑↓ | ↑↓ | |
| Operação | Condições Instrumentais | Indivíduo ou máquina autónoma |

Adaptada de Leontiev (1978).

A atividade está relacionada às necessidades humanas e é orientada para um objeto. O objeto refere-se ao motivo da atividade e é o que diferencia uma atividade da outra. O objeto não é fixo, podendo mudar durante a atividade.

As ações, segundo nível na hierarquia, são as formas nas quais a atividade acontece. É possível realizar uma atividade por meio de diferentes ações. Quando o indivíduo internaliza os procedimentos de execução, essa rotina de ações é transformada em operações.

As operações não exigem o mesmo nível de consciência, são comportamentos rotineiros automáticos em que não há esforço consciente para realizá-los. O potencial de transformação entre ações e operações também existe no sentido inverso; as operações podem transformar-se em ações se o sujeito estiver sob algum impacto emocional que exija a sua atenção à ação que já estava automatizada. Ou seja, existe potencial de transformação entre as ações e as operações: à medida que o sujeito adquire familiaridade com ações que executa rotineiramente, elas deixam de exigir esforço consciente e passam a ser automatizadas, tornando-se operações.

As distinções entre os níveis hierárquicos da atividade permitem-nos identificar processos internos e externos de uma atividade que podem representar o seu aprimoramento.

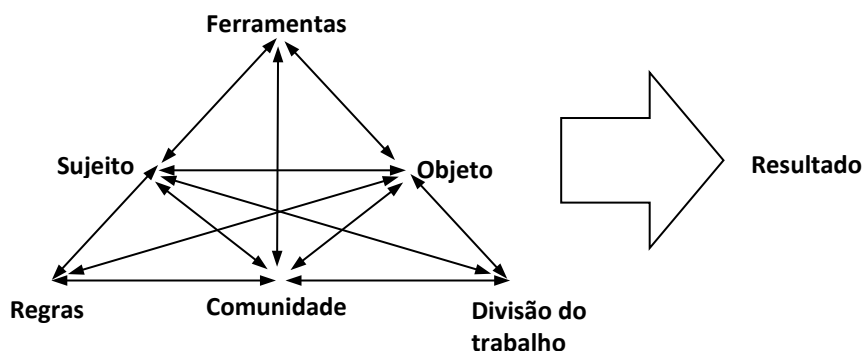
Leontiev não expandiu graficamente o triângulo de mediação de Vygotsky. Sim, ofereceu fundamentos para Engeström (2000) fazê-lo acrescentando os elementos: comunidade, regras e divisão do trabalho.

Engeström acrescenta três características que determinam a atividade. A primeira é a compreensão histórica da prática dos sujeitos, objetos bem como da comunidade no que diz respeito à organização social. A seguir, apresenta o pensamento e o conhecimento como processos dialéticos. Por último, refere as mudanças nas práticas humanas. Essas características justificam habitualmente chamar a TA como Teoria da Atividade sócio histórica e cultural.

Figura 3

Modelo da Teoria da Atividade da segunda geração.

Sistema de Atividade humana



O sujeito refere-se ao indivíduo ou grupo cuja posição e ponto de vista são tomados como perspectiva de análise. Objeto refere-se à matéria-prima ou problemática para o qual a atividade está dirigida. O objeto é transformado em resultado com a ajuda dos artefactos mediadores (ou ferramentas). As regras, explícitas ou implícitas, regulam as ações e interações no sistema. A comunidade são os participantes do sistema de atividade. A divisão de trabalho ou tarefas são divididas horizontalmente entre os diversos membros da comunidade. Na representação gráfica (Figura 3), sujeito, objeto e comunidade mantém uma relação tripla entre si, e cada uma dessas relações é mediada, sendo ferramentas, regras e divisão de trabalho os mediadores.

Engeström (2015) pretende desenvolver ferramentas conceituais para compreender os diálogos, as múltiplas perspectivas e redes dos sistemas de atividade interativa. A ideia das redes de atividade em que as contradições e lutas ocorrem na definição do motivo do objeto da atividade demanda uma análise de poder e controle nos sistemas de atividade em desenvolvimento. Ele recorre a cinco princípios a fim de expandir a estrutura da segunda geração:

(1) o sistema de atividade coletiva orientado a objetos e mediado por artefactos é a principal unidade de análise em estudos histórico-culturais da conduta humana; (2) as contradições internas que evoluem historicamente são as principais fontes de movimento e mudança nos sistemas de atividade; (3) a aprendizagem expansiva é, do ponto de vista histórico, um tipo de aprendizado novo, que surge quando os profissionais lutam através de transformações desenvolvimentais em seus sistemas de atividade, movendo-se através de zonas coletivas de desenvolvimento proximal; (4) o método dialético de ascender do abstrato ao concreto é uma ferramenta central para dominar ciclos de aprendizado expansivo; e (5) é necessária uma metodologia de pesquisa intervencionista que tenha como objetivo avançar, mediar, registrar e analisar ciclos de aprendizado expansivo em sistemas de atividade local. (Engeström, 2014: pp. 6-7).¹

¹ Tradução livre dos autores. No original: (1) *the object-oriented and artifact-mediated collective activity system is the prime unit of analysis in cultural-historical studies of human conduct*; (2) *historically evolving inner contradictions are the chief sources of movement and change in activity systems*; (3) *expansive learning is a historically new type of learning which emerges as practitioners struggle through developmental transformations in their activity systems, moving across collective zones of proximal development*; (4) *the dialectical method of ascending from the abstract to the concrete is a central tool for mastering cycles of expansive learning*; and (5) *an interventionist research methodology is needed which aims at pushing forward, mediating, recording and analyzing cycles of expansive learning in local activity systems*.

Transformação Expansiva

O mundo não está dividido em atividades previamente determinadas e claramente delineadas. Partindo da observação das ações dos sujeitos, podem ser identificados diferentes sistemas de atividade, selecionar um ou mais sistemas para análise e identificar os conflitos e contradições existentes capazes de promover mudanças e desenvolvimento nas ações dos sujeitos, quer nas atividades, quer na sociedade.

Engeström (2014) sugere um ciclo da transformação (ou aprendizagem) expansiva:

A primeira ação do ciclo consiste em questionar, criticar, rejeitar aspectos da prática atual.

A segunda ação é analisar a situação. Compreender as causas e mecanismos que levaram a tal prática. a) a histórico-genética, que busca explicar a situação traçando a origem e evolução histórica da mesma; e b) a atual-empírica, que busca explicar a situação construindo uma imagem (um esquema) de suas relações sistêmicas internas.

A terceira ação é modelar novas relações através de um meio observável, construir um modelo explícito e simples da nova ideia que ofereça uma solução à problemática.

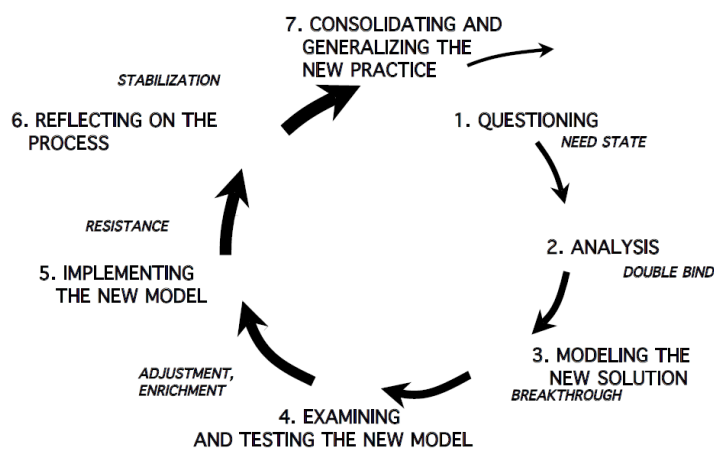
A quarta ação é examinar o modelo experimentando-o, operando com ele, de modo a compreender plenamente sua dinâmica, seu potencial e suas limitações.

A quinta ação é a implementação do modelo, por meio de sua aplicação prática.

A sexta ação consiste em refletir e avaliar o processo de aprendizagem expansiva iniciado. Por fim, a sétima ação é a consolidação do processo nas novas práticas.

Figura 4

Seqüência das ações de aprendizagem num ciclo expansivo de aprendizagem.



Engeström, (2010, p.78)

Tenções, conflitos e contradições:

Um dos princípios da TA de maior importância é a possibilidade de transformações decorrentes das tenções, contradições e conflitos existentes dentro de um sistema de atividade

ou entre diferentes redes de sistema de atividade. Engeström reconhece quatro tipos de contradições: nível 1: contradições internas primárias de dupla natureza, dentro de cada componente que constitui a atividade central. nível 2: contradições entre os constituintes da atividade central. nível 3: contradições entre o objeto/motivo da forma dominante da atividade central e o objeto/motivo de uma forma culturalmente mais avançada da atividade central. nível 4: contradições entre a atividade central e as atividades vizinhas.

O trote

O trote universitário tem sua origem com o surgimento das universidades na Idade Média. São as atividades de “recepção” dos novos alunos; uma tradição muito antiga. Hoje caracteriza-se por um rito de “passagem”. Tido como natural e normal ou considerado “uma brincadeira”, é uma forma de exibicionismo dentro do contexto social.

Mas encontramos contradições: o rito é uma ação seguida de consequências reais, por vezes camufla práticas violentas, que podem ser nocivas, dolorosas e cruéis, pautadas num processo de integração sadomasoquista.² Os grupos de trotistas transformam o comportamento do indivíduo dentro das atividades. É importante compreender as mudanças psicológicas dos estudantes que são capazes de humilhar e maltratar um colega recém-chegado e ainda afirmar que tudo não passa de uma “brincadeira”. E compreender dos motivos que levam aos alunos humilhados a querer vingá-lo no próximo ano.³

Análise do trote como atividade

A análise do trote a luz da teoria da atividade requer de vários passos. O primeiro passo consiste em identificar os diferentes componentes desta atividade. Assim identificamos:

- **Objetivo / Resultado:** O trote é apresentado aos alunos como uma atividade que visa “integrar” os novos alunos a universidade.
- **Objeto:** Uma vez que os novos alunos serão os “transformados” (integrados) por esta atividade, eles constituem os objetos na análise utilizando TA.
- **Sujeito:** Do mesmo modo, os trotistas constituem os sujeitos, uma vez que são eles os encarregados de conduzir o trote.
- **Ferramentas:** As ferramentas ou objetos mediadores são constituídos pelas próprias práticas ou rituais do trote. Estas práticas variam de ano a ano e de

² “O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspeto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua Atividade sexual predominante” (Freud 2006, p.151).

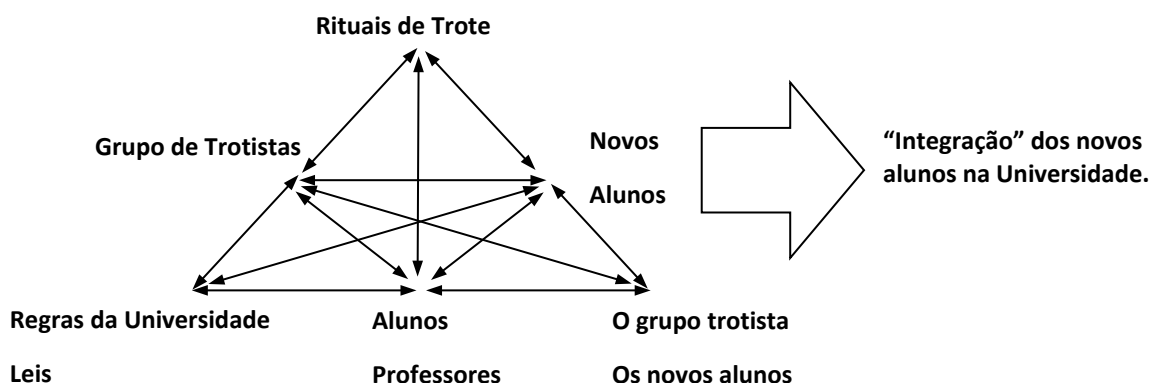
³ Freud estabelece “uma espécie de campo intermediário entre a simples Atividade inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição”. “a tomada em consideração do outro e do seu sofrimento só aparecem no retorno masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna indiscernível da excitação sexual que provoca” para Freud, um tempo inicial de ausência de compaixão, no qual “o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente”. (Freud, 2006, p.160).

universidade a universidade. Esta “mediação” entre novos alunos e trotistas é crucial na análise do trote via TA.

- **Divisão do Trabalho:** os trotistas -que em muitas ocasiões ocupam diferentes papéis durante a prática do trote- e os novos alunos submetidos a trote constituem os principais papéis de esta atividade.
- **Regras:** Dentro das regras podemos identificar vários tipos: Regras internas da própria união de estudantes ou associação acadêmica, assim como as regras impostas pela Universidade para limitar estas práticas. Podemos incluir também leis relativas ao trote, como por exemplo a Lei estadual do Estado de São Paulo 10.454 (1999).
- **Comunidade:** A comunidade, num sentido restrito, pode estar constituída pelos alunos (trotistas e novos alunos). Porém, faz parte desta atividade toda a comunidade universitária (docentes, autoridades, bedéis, contínuos).

Figura 5

Sistema de Atividade aplicado ao trote.



O segundo passo consiste em identificar as tenções, contradições e conflitos primários, neste caso nos níveis de ação e operação da atividade:

1. **Rituais do Trote:** seriam ritos de iniciação ou de passagem. Originados na universidade na Idade Média, o conceito passou por uma mudança de significado no ritual de integração do aluno. O conflito aparece na transformação de uma atividade de integração para uma atividade caracterizada pela humilhação e sofrimento do novo aluno.

2. **Grupos trotistas:** em lugar de promoverem a integração e a igualdade, promovem o preconceito e a exclusão, “...dão ‘a violência um carácter seletivo doutrinário e insubstituível” (Almeida Jr., 2015 pp.35). Criam distinções hierárquicas e chega a haver entre os próprios trotistas casos de humilhações.
3. **Os novos alunos:** submetem-se a condições de humilhação (roupas, chapéus e apelidos) que realçam preconceito das classes. Aumentam as rivalidades de cursos.

Adicionalmente, foram observadas a presença de contradições secundárias:

1. Os grupos trotistas e os alunos: os trotistas afirmam que é “brincadeira” e tradição, no entanto, os novos colegas de estudos viram “brinquedos” e vítimas, o que está tradicionalmente errado.
2. A comunidade e o sujeito: os próprios colegas estudantes e professores que não participam das crenças e rituais do trote podem ser alvos de violência por parte dos grupos trotistas.
3. Alunos e os rituais: Ao longo dos anos tem-se verificado casos de mortes (ex. PUC-SP, 1962), importantes danos físicos ou traumas psicológicos.
4. Regras e rituais: Embora existam leis e as regras da universidade que proíbem ou limitam a prática do trote (ex. Lei Estadual 10.454 de 20/12/1999 São Paulo), existem casos de continuar a prática, “disfarçando-a” de trote solidário, apenas para desviar a atenção das reais práticas.
5. Objeto e o sujeito: os trotistas constroem uma identidade de poder contra o outro, ou seja, dividem a sociedade em campos inimigos. Perdem de vista o seu papel de acolher os novos alunos e extrapolam as humilhações, exercendo sua força e poder na instituição.
6. Comunidade e sujeito: as universidades se brindam como espaços de liberdade e de diálogo, mas o trote pode transmitir uma herança de autoritarismo e contradição de valores, representando uma prática oposta aos valores humanos.
7. Universidade e objeto mediador: A Cultura do trote acaba por vezes por ser patrocinada pela Universidade levando a que algumas das vítimas\alunos, traumatizados abandonem a universidade.

Conclusão e passos futuros

A Teoria da Atividade dá destaque às contradições como possibilidades e motores de mudança, no caso do Trote urge esta mudança. A proposta de mudança parece utópica, mas necessária, em uma sociedade sustentada por relações de desigualdade e exclusão, na qual não está universalizado o acesso à educação e aos direitos humanos.

Ao considerar que a aprendizagem expansiva está ligada às condições históricas, há que destacar, que tais condições não são imutáveis e podem modificar, por isso são históricas. O trote universitário e suas tradições são de um tempo e lugar específicos, e ultrapassados. Por isso, existem condições de modificar a atividade justamente pela expansão, pela transformação das contradições desencadeadas.

Assim, mesmo sabendo das dificuldades de propor um processo transformador, acredita-se haver margem para incentivar e promover mudanças.

Analisar o trote universitário por meio da teoria de atividade, seja de um modo geral, seja em casos específicos permitirá uma nova abordagem para analisar os conflitos e formas de saída; e, finalmente que permita a proposta de uma nova atividade de integração.

Agradecimentos

O presente trabalho viu-se beneficiado pelos debates acontecidos na disciplina Conflitos Contemporâneos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Queremos agradecer aos revisores pelos seus comentários pertinentes que ajudaram a melhorar a versão original do presente artigo.

Agência financiadora

E.F. é parcialmente financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, Portugal, pelo projeto UID/CEC/04516/2019 (NOVA LINCS).

REFERÊNCIAS

- Almeida Júnior, A. R. de (2007). *Anatomia do trote universitário* (Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Almeida Júnior, A. R. de. (2015). Trotes, violências e democracia nas universidades. *Diversitas Journal*, 3(4), 16-57.
- Almeida Jr. A.R. de; Queda, O. (2006). *Universidade, preconceitos e trote*. Hucitec.
- Appiah, E., & Cronjé, J. C. (2013). Exploring information and communication theory in graphic design education with activity theory. *International Journal of Computer Applications*, 84 (12), 15-22.
- Engestrom, Y. (2000). Activity theory as a framework for analyzing and redesigning work. *Ergonomics*, 43(7), 960-974.
- Engeström, Y. (2010). Activity theory and learning at work. In *The SAGE handbook of workplace learning* (pp. 86-104). Sage.
- Engeström, Y. (2015). *Learning by expanding*. Cambridge University Press.
- Engeström, Y., Miettinen, R., & Punamäki-Gitai, R. (eds.) (1999). *Perspectives on Activity Theory*. Cambridge University Press.

Freud, S. (2006). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII: Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros Trabalhos (1901-1905)*. Imago Editora.

Kaptelinin, V., & Nardi, B. A. (2006). *Acting with technology: Activity theory and interaction design*. MIT press.

Lei estadual do Estado de São Paulo 10.454 de 20/12/1999. Diário Oficial do Estado de São Paulo - Executivo, 21/12/1999, p.3.

Lave, J. (1988). *Cognition in Practice: Mind, mathematics and culture in everyday life*. Cambridge. Cambridge University Press.

Lave, J. & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge University Press.

Leontiev, A. (1978). *Activity, Consciousness, and Personality*. Prentice-Hall.

Leontiev, A.N. (1991). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. Em Vigotskii, L.S., Luria, A.R. y Leontiev (eds), A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (pp.59-84). Ícone.

Marx, K. (2002). *O capital: crítica da economia política: livro I*. (Reginaldo Sant'Anna, tradutor). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1867).

Zuin, A. A. S. (2011). O trote universitário como violência espetacular. *Educação & Realidade*, 36(2), 587-604.

Vigotsky, L. S. (1995). *Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Visor.

Vigotsky, L. S. (2001). *Psicologia Pedagógica*. (Paulo Bezerra, tradutor). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1926).

Vygotsky, L. S., & Cole, M. (1978). *Mind in society: Development of higher psychological processes*. Harvard University Press.

Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Wenger, E., McDermott, R. Snyder, W. M. (2002). *Cultivating communities of practice*. Boston, Massachusetts, USA: Harvard.